

# A CONSTITUIÇÃO SÍGNICA DA LIBRAS: UMA PROPOSTA INTERSEMIÓTICA

Emílio Soares Ribeiro (UERN)

E-mail: [emilioribeiro@uern.br](mailto:emilioribeiro@uern.br)

Erica Santana de Sousa (UERN)

E-mail: [erica.sousa82@yahoo.com.br](mailto:erica.sousa82@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

O ser humano “se constitui com base nas suas relações sociais, utilizando para tal a linguagem, os signos” (GOLDFELD, 2002). Nesta interação social o processo tradutório ocorre de forma inata e espontânea “a significação de uma representação é outra representação.” (PIERCE, apud PLAZA, 2001, p.17) Estas transmutações expressam a própria condição de existência do signo, o de representar por meio de substituição, pois “toda operação de substituição é, por natureza, uma operação de tradução” (PLAZA, 2001, p.27).

A semiótica do filósofo Charles Sanders Peirce (1839 – 1914) fornece elementos que nos capacita a adentrar em toda e qualquer linguagem e analisarmos seus modos de constituição. Sua lógica estabelece categorias fenomenológicas e classificações quanto às relações estabelecidas entre o signo consigo mesmo, o signo e seu objeto (foco da nossa pesquisa) e o signo com seu interpretante. Nossa análise da Língua Brasileira de Sinais numa perspectiva intersemiótica busca identificar os aspectos linguísticos da LIBRAS, descrever a natureza e referencialidade dos sinais e analisar os aspectos que permitem a tradução de significados.

O estudo da LIBRAS como processo tradutório baseia-se no fato de que, assim como qualquer língua, ela é um sistema de signos cuja origem não se dá ali, naquela língua, mas que remete a signos pré-existentes, dos quais é tradução. Com isso, não afirmamos consiste em um sistema sígnico inferior, mas simplesmente diferente, como todos são.

A perspectiva proposta pelo trabalho não subjuga a Língua Brasileira de Sinais a outras línguas, como muitos acreditam, mas busca estabelecer elos entre as diversas formas de linguagem presentes na constituição da LIBRAS e desta forma contribuir para sua compreensão, desmistificação e promoção, com intuito de permitir que os alunos de graduação, a comunidade acadêmica e a sociedade em geral a compreendam de forma mais profunda e se conscientizem de sua importância na comunicação entre surdos e ouvintes, mas principalmente, entre os próprios surdos. Esta pesquisa, qualitativa de caráter analítico-descritivo, tem por objetivos discutir a constituição linguística da Língua Brasileira de Sinais, pesquisar os conceitos e classificações dos signos da semiótica americana de Charles Sanders Peirce e investigar a constituição sígnica da LIBRAS sob o ponto de vista semiótico.

Apresentaremos a análise de três sinais extraídos do Dicionário de Língua Brasileira de Sinais, disponível no site [www.acessobrasil.org.br/libras](http://www.acessobrasil.org.br/libras). A Acessibilidade Brasil é uma sociedade formada por especialistas da área de educação especial, professores, administradores, desenhistas industriais, engenheiros, arquitetos, analistas de sistemas e jornalistas, pessoas de áreas diversas, mas que possuem como interesse comum ações e projetos envolvendo a inclusão social e econômica de pessoas com deficiência, idosos e pessoas com baixa escolaridade.

Os sinais apresentados neste trabalho representam apenas uma parte de uma pesquisa anterior cujo *corpus* consistiu no estudo de trinta sinais. Cada sinal representa a categoria a qual pertence: Frutas, Animais e Sentimentos. Estas categorias apresentadas separadamente no próprio dicionário nos permitir realizar uma análise mais diversificada entre objetos

físicos, seres animados e concepções abstratas. Os sinais foram submetidos a duas análises; uma quanto aos aspectos linguísticos, no intuito de segmentá-los para revelar suas características fonológicas (os parâmetros da LIBRAS) e morfológicas (as classes dos sinais), classificações apresentadas por Quadros & Karnopp (2004) e Felipe (2007); e a outra quanto aos aspectos semióticos, a fim de descobrir e apresentar a presença da iconicidade, indicialidade e do simbolismo existentes na constituição de cada sinal (SANTAELLA, 2002 e 2005 e PIERCE, 2003).

## **1 OS ASPECTOS LINGUÍSTICOS E SEMIÓTICOS NA ANÁLISE DOS SINAIS DA LIBRAS**

A análise da Língua Brasileira de Sinais numa perspectiva intersemiótica parte da compreensão de que a LIBRAS é uma língua independente, e como tal, possui um sistema próprio, isento de comparações e juízo de valor. Desta maneira a análise do processo intersemiótico a que nos propomos realizar consistirá na verificação e apresentação dos mecanismos de representação que a LIBRAS utiliza na tradução dos fenômenos semióticos, ou seja, como esta língua viso-espacial traduz as imagens, os sentimentos e as concepções presentes a sua volta; traçando assim o percurso que vai desde a percepção do objeto semiótico até a construção do significado, considerando como tradução a transmutação do pensamento em linguagem, as relações que os sinais estabelecem com o meio e sua própria língua, seja em nível de tradução interlingual (LIBRAS e Língua Portuguesa) ou intralingual (a tradução dentro da própria língua de sinais). Para atingirmos este objetivo, faremos uso da Semiótica na vertente Peirciana para exame dos modos de constituição dos sinais da LIBRAS, e dos conceitos e classificações apresentados por escritores da Língua de Sinais Brasileira acerca dos seus aspectos linguísticos.

### **1.1 OS ASPECTOS LINGUÍSTICOS: FONOLÓGICO E MORFOLÓGICO**

A fonologia estuda os sons do ponto de vista funcional como elementos que integram um sistema linguístico determinado. Em outras palavras, a fonologia estuda as diferenças de significação e como se estabelece os elementos nesta relação de diferença, combinados entre si para formar morfemas, palavras e frases. A fonologia é explicativa e interpretativa, pois busca conhecer o valor dos sons (função linguística) e responder pelas restrições destes fonemas. Quadros & Karnopp (2004, p. 18) exemplificam esta função restritiva da fonologia ao citarem a impossibilidade de duas oclusivas, na língua portuguesa, ficarem juntas no início de palavras, tornando-se agramaticais para nossa língua, como a construção ppa, bpa, tpa.

A fonologia na Língua de sinais busca identificar a estrutura e organização dos constituintes fonológicos desta língua, tendo como tarefa determinar quais as unidades mínimas (quiremas<sup>1</sup>) que formam os sinais e estabelecer os padrões de variação e de combinações possíveis entre elas, ou seja, a fonologia na LIBRAS busca analisar as partes mínimas da língua para determinar a diferença de significado de um sinal em relação a outro. Na LIBRAS as unidades mínimas são estudadas como parâmetros, variáveis que definem valor dentro do sistema linguístico, são eles: a Configuração de Mão (CM), o Ponto de

---

<sup>1</sup> As autores Quadros e Karnopp ao se referirem as unidades mínimas da LIBRAS fazem uso do termo “fonema” na perspectiva de equivalência entre línguas orais com as línguas de sinais, nomenclatura muito usada entre os pesquisadores desta área. Porém em nosso trabalho faremos uso do termo “quirema”(do grego χέρι (chéri) que significa mão), termo criado por Stokoe especificamente para as línguas de sinais. A escolha foi tomada por acreditamos na importância de ressaltar as especificidades que cada língua possui, características entendidas aqui como acréscimo e jamais decréscimo de valor.

Articulação (PA), o Movimento (M), a Orientação (O) ou Direcionalidade (D) e a Expressão Facial (EF) e/ou Corporal (EC), é da combinação destes parâmetros que os morfemas são formados.

A morfologia corresponde ao estudo das partes das palavras (morfemas) e analisa as combinações dos elementos que formam estas palavras, esta área de estudo nos revela o que sabemos de uma palavra; seu gênero, número, tempo e pessoa.

Na língua de sinais, a morfologia compreende o estudo da estrutura interna dos sinais, as regras que determinam sua formação e o valor de seu significado. Assim como na Língua Portuguesa, onde há presença de palavras monomorfêmicas (apenas um morfema como boi, mar e etc.) e palavras composta através do uso de prefixos e sufixos, assim também ocorre nas línguas de sinais, porém, nesta língua a formação ocorre de forma não-concatenada, isto implica dizer que a composição nas línguas de sinais ocorre apenas por justaposição (junção de palavras sem perda de elementos fonéticos) e nunca por aglutinação (reunião de palavras com perda de fonemas).

Além do processo de composição, há o processo de derivação, em que, por exemplo, substantivos podem ser originados de verbos já existentes e vice-versa. Este processo, também conhecido como processo flexional, acresce informação gramatical à palavra e nos permite identificar informações como gênero, número, tempo, pessoa e modo. Nas línguas orais este processo se dá através de desinências, porém nas línguas viso-espaciais ele ocorre por meio de repetição no movimento, denominada de “reduplicação” ou redimensão do movimento. É a visualização do movimento que permite a identificação da classe gramatical entre estes sinais.

Outros mecanismos utilizados pelas línguas de sinais para formação de léxicos são a soletração manual e as incorporações. A soletração manual é a representação ortográfica da língua oral através do alfabeto dactilológico<sup>2</sup>, utilizada especificamente para nomes próprios ou técnicos mediante empréstimo linguístico, já as incorporações podem ocorrer de três formas, na incorporação de um argumento, de um numeral ou de uma negativa. Na incorporação de um argumento novos sinais surgem a partir da adaptação do verbo ao objeto que sofre a ação, modificando o ponto de articulação e/ou a configuração de mão; na incorporação de um numeral a mudança se estabelece na alteração da configuração de mão, parâmetro que assume a responsabilidade de expressar a quantidade; e na incorporação de uma negativa a alteração ocorre dentro do próprio sinal, modificando sua estrutura fonético-fonológico de base, esta mudança geralmente ocorre pela modificação do parâmetro movimento ou pela incorporação da negação através da expressão facial caracterizada pelo meneio negativo da cabeça.

Dentro do estudo sobre aspectos morfológicos da LIBRAS há ainda considerações acerca das categorias gramaticais e dos parâmetros que constituem os sinais, vistos anteriormente com relação ao seu papel fonológico, mas agora exercendo uma função morfológica. As categorias gramaticais representam as classificações dos sinais quanto à classe gramatical a que pertencem, eles podem ser pronomes, verbos, adjetivos, numerais ou advérbios; esta classificação, como ocorre nas línguas orais, é atribuída ao sinal segundo a função que este desempenha. Se o sinal qualifica o sujeito ele é um adjetivo, se exprime o modo, intensidade ou o tempo da ação ele é advérbio, se nomeia o sujeito ou objeto ele é substantivo, se representa um elo de referência ao sujeito ele é um pronome e se atribui

---

<sup>2</sup> O alfabeto dactilológico da LIBRAS consiste na representação simbólica e icônica das letras do alfabeto brasileiro.

características de quantidade ele é classificado como numeral. Todas estas classes gramaticais possuem subclassificações; na LIBRAS há pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, indefinidos e interrogativos, também, verbos classificadores, verbos com concordância número-pessoal, verbos de locação, etc. Todas as subdivisões gramaticais da LIBRAS são apresentadas por Felipe, de forma detalhada, em sua obra *Livras em Contexto* (2007), sendo sua exposição aqui desnecessária, uma vez que ao termos selecionado o corpus, as categorias Frutas e Animais, delimitamos a análise a apenas uma classe gramatical, os substantivos.

Na descrição dos aspectos lingüísticos, faremos uso de tabelas para maior esclarecimento sobre as informações que iremos analisar. As tabelas apresentarão o aspecto fonológico (os cinco parâmetros das línguas de sinais) e os morfológicos (os quatro tipos de constituição de um sinal e sua classificação gramatical) de cada sinal.

## 1.2 OS ASPECTOS SEMIÓTICOS: AS PARTES DO SIGNO

A palavra semiótica vem da raiz grega *semeion*, que significa signo. Assim a Semiótica é a ciência dos signos, a ciência geral de toda e qualquer linguagem verbal (oral ou escrita) e não-verbal. Por linguagem entendemos as formas de comunicação, os sistemas sociais e históricos criados para representar o mundo. Esta comunicação pode ocorrer através de cores, fotos, gestos, danças, sons, e de várias outras maneiras, atribuindo a linguagem verbal apenas uma das formas produzida pelo homem. Sendo a Semiótica a ciência de todas estas possíveis formas de linguagem, é importante ressaltarmos que seu objeto de estudo é vasto, porém seu objetivo é restrito, consiste no “exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido” (SANTAELLA, 2008, p.13), ou seja, a Semiótica deseja “tão somente” descrever e analisar nos fenômenos sua constituição como linguagem, sua ação de signo.

Por fenômeno Peirce compreende:

[...] qualquer coisa que esteja de algum modo e em qualquer sentido presente à mente, isto é, qualquer coisa que apareça seja ela externa (uma batida na porta, um raio de luz, um cheiro de jasmim), seja ela interna ou visceral (uma dor no estômago, uma lembrança ou reminiscência, uma expectativa ou desejo), que pertença a um sonho, ou uma ideia geral e abstrata da ciência, a fenomenologia seria, segundo Peirce, a descrição e análise das experiências que estão em aberto para todo homem, cada dia e hora, em cada canto e esquina de nosso cotidiano. (*apud* SANTAELLA, 2008, p.32)

Devido à amplitude que a fenomenologia apresenta, coube a Peirce a tarefa de criar as categorias gerais dos fenômenos, agrupando e organizando toda e qualquer experiência humana através da observação, distinção e generalização. A esta classificação Peirce chamou Categoria do Pensamento e da Natureza, também conhecida por Categorias Fenomenológicas. Após a conclusão de seus estudos sobre categorias universais, Peirce afirmou que todo fenômeno, tudo que aparece a consciência humana, ocorre numa gradação de três propriedades, de três fases, de três categorias. A primeira em nível de Qualidade, a segunda de Relação (ou Reação), e posteriormente de Representação (ou Mediação). Para fins científicos Peirce preferiu referir-se a elas por Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, nomes por ele criados e, portanto, livre de qualquer associação.

A Primeiridade é a consciência imediata do fenômeno, este gera uma impressão (sentimento), uma qualidade, não analisável dada a presentidade de seu caráter, uma impressão desassociada de seu objeto, um quase-signo. Peirce afirma “seria algo que é aquilo

que é sem referência a qualquer outra coisa dentro dele, ou fora dele, independentemente de toda força e de toda razão” (PEIRCE, 2003, p.24). Em um simples olhar a impressão da qualidade do fenômeno já nos invade, sua cor, seu cheiro, a emoção dando origem ao fenômeno. Esta qualidade, porém, é quase instantaneamente associada ao seu objeto, se contextualizando ao meio ao qual pertence, neste momento o signo deixa de está em nível de Primeiridade para tornar-se Secundidade.

A Secundidade, por sua vez consiste nesta materialização, ocorre quando o intérprete já atingiu a percepção do objeto e estabelece sua relação com aquela qualidade. A qualidade para existir precisa está encarnada numa matéria, a própria sensação quando sentida já está inserida num sujeito, que reage a esta qualidade na tentativa de produzir um efeito. Toda e qualquer impressão produz em nós conflito e resistência, e na acomodação deste fenômeno (nossa reflexão) é que se dar o início da próxima fase, o estágio da interpretação, o despertar de um interpretante (efeito) na mente do intérprete.

A Terceiridade consiste na ação da mente, compreende o momento em que surge a representação, a inteligibilidade do fenômeno por parte do intérprete, o pensamento em signo. A própria consciência de existência de determinado fenômeno já é Terceiridade, pois para o homem algo só passa a existir em seu mundo quando este algo pode ser representado, o que ocorre imediatamente no momento da interação objeto/intérprete, dada a natureza humana de ser simbólico. Assim podemos constatar que ao homem não é possível à percepção separatista destas categorias, uma vez que elas ocorrem quase que simultaneamente, seria necessário parar o tempo para poder analisá-las individualmente.

Em uma das muitas definições de signo apresentadas por Peirce em seus textos, ele descreve o signo como:

[...] tudo aquilo que está relacionado com uma Segunda coisa, seu *Objeto*, com respeito a uma Qualidade, de modo tal a trazer uma Terceira coisa, seu *Interpretante*, para uma relação com o mesmo Objeto, de modo tal a trazer uma Quarta para uma relação com aquele Objeto na mesma forma, *ad infinitum*. (PIERCE, 2003, p.28)

Em outras palavras, signo ou *representamen* é “uma coisa que representa outra coisa, seu objeto” (SOUZA, 2006, p.160) num processo infinito, intrínseco do próprio signo. Essa “ação do signo de ser interpretado em um outro signo” (SANTAELLA, 2005, p.43) é denominada de Semiose. Assim podemos compreender que só há signo quando há representação, quando este substitui (em ausência) outra coisa. É este seu intento, sua função, carregar representação, sentido,

[...] um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. [...] Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representámen. (PEIRCE, 2003, p.46).

Esta representação “parcial” do objeto ocorre na interação objeto/intérprete, nesta interação é gerado um efeito, o interpretante, que Santaella define como um “processo racional que se cria na mente do intérprete” (SANTAELLA, 1983, p.58). Desta forma podemos inferir que o signo possui uma estrutura complexa composta de três elementos: o fundamento, o objeto e o interpretante, os dois últimos, por sua vez, possuem subclassificações em objeto Imediato e Dinâmico e interpretante Imediato, Dinâmico e Final. O fundamento do *representámen* de um signo compreende os aspectos, as propriedades, que o habilita a ser um signo, o objeto imediato, presente no próprio signo, diz respeito ao modo

como o objeto dinâmico é por ele representado, consiste na percepção limitada deste objeto externo mais amplo, “a maneira como aquele signo particular sugere, indica ou representa o objeto que está fora dele” (SANTAELLA, 2005, p.45). O objeto dinâmico é a realidade, o de fora, o que pode ser estudado e observado pelo intérprete de acordo com sua vivência e seu contexto, é “aquilo que o signo substitui” (SANTAELLA, 1983, p.59). O interpretante imediato é aquilo que o signo está apto a produzir dada a sua natureza, seu fundamento, por isso interno ao signo. Se ele está apto a produzir significa que ainda não foi interpretado, ou seja, ocorre antes da presença do intérprete. O interpretante dinâmico é aquilo que efetivamente foi produzido na mente de um intérprete particular, e por referir-se ao efeito produzido na mente de cada intérprete é que este interpretante adquire característica de múltiplo, plural, pois em cada mente este mesmo signo produzirá efeitos relativamente distintos. Por fim temos o interpretante final ou interpretante em si, este compreende o efeito que um signo produziria em toda e qualquer mente, efeito que só poderia acontecer se todos os interpretantes dinâmicos fossem produzidos por todos os intérpretes, fato impossível de ocorrer. O conhecimento destas partes que constituem um signo nos permitirá entender as relações que este signo realiza consigo mesmo, com seu objeto dinâmico ou com seu interpretante dinâmico, relações estas que formam a base das classificações dos signos apresentados por Peirce como tricotomias.

No que tange aos elementos de caráter semiótico da LIBRAS, podemos afirmar que, assim como a linguagem verbal, todos os seus sinais são signos, pois são imagens capazes de substituir em ausência seu objeto. Tais sinais são entidades complexas que carregam em si o poder de representar seu objeto por convenção social (símbolo). A LIBRAS, como língua natural, pertence a várias comunidades surdas existentes em um país, e por isso tem como marca irrefutável a variedade linguística, característica que atribui a convenção um valor indispensável. É neste ponto que podemos verificar que não é apenas a semelhança com o objeto que determina a representação do sinal, mas principalmente a prática social. Contudo não podemos ignorar que a iconicidade e a indexicalidade são ferramentas úteis e marcantes na elaboração dos sinais, fato pertinente dada ao caráter de língua viso-espacial.

O poder de representação de um signo torna-se possível devido a sua composição, sua estrutura interna; como vimos um signo é composto de três partes: Fundamento, Objeto e Interpretante.

Na LIBRAS o Fundamento de um sinal é uma lei, a convenção social que atribui aos gestos o valor de elemento linguístico, e, para esta atribuição, é necessário o estabelecimento de parâmetros, características que permitem a transformação de um simples gesto em símbolo (sinal). O Objeto Imediato dos sinais é a sua aparência, sua forma, a tentativa de semelhança. Representa a ação do emissor na execução do sinal de acordo com a percepção do intérprete. Já o Objeto Dinâmico consiste na própria execução do sinal, a maneira como este emissor posicionou as mãos, como se expressou, seu movimento, tudo aquilo que o intérprete foi capaz de perceber e o que ele não conseguiu capturar, incluindo o contexto no qual este sinal foi produzido. Ao Interpretante Imediato atribui-se a característica de ser aquilo que o intérprete inferiu na simples observação do objeto. Quando o intérprete olha para um sinal, ele é capaz de deduzir que aquele “gesto” pertence a LIBRAS, ou a uma língua de sinais, ou, no mínimo, que aquele “gesto”, enquanto desconhecido, tenta expressar algo, tem uma função comunicativa, pois mesmo que este intérprete não tenha conhecimento acerca da LIBRAS, a execução de um sinal provocará algo, seja encantamento, curiosidade, ou um significado particular baseado em sua lógica. Já o significado real, ou seja, aquele significado convencionalizado para cada sinal representa o Interpretante Dinâmico. Este interpretante é o efeito desejado, a resposta esperada para que haja comunicação, ocorre quando o emissor, ao realizar o sinal ABACATE ou TRISTEZA, por exemplo, encontra no receptor a compreensão daquele sinal. Este receptor entende que aqueles sinais não representam o signo goiaba ou



vergonha, ou pensa na possibilidade de que aqueles signos representem colher ou fome, mas compreende serem eles, tão somente, a representação da fruta abacate e do sentimento tristeza, uma significação reconhecida por convenção.

Na análise sobre os aspectos semióticos da LIBRAS, há ainda considerações a serem realizadas ao que se refere às tricotomias apresentadas por Peirce quanto à relação do signo com seu objeto (icônico, indicial e/ou simbólico). A iconicidade está presente na LIBRAS quando seu sinal apresenta semelhança com o objeto que representa, esta semelhança pode referir-se a um ou mais aspectos como forma, ação ou até mesmo através da soletração manual. O caráter indicial existe quando há no signo presença de marcas, vestígios ou contiguidade do próprio objeto. O índice está nos sinais que possui uma relação concreta, isto é, causal, com o que representa, como nos sinais que apresentam expressão facial. Por fim a semiótica peirciana trata do aspecto simbólico como obra da lei, expressão cultural, característica presente em todos os sinais da LIBRAS, uma vez que esta língua constitui sistema linguístico independente e natural marcado por variações geográficas.

## 2 A CONSTITUIÇÃO DOS SIGNOS DA LIBRAS

A análise do processo intersemiótico que nos propomos realizar consiste na verificação e apresentação dos mecanismos de representação que a LIBRAS utiliza na tradução dos fenômenos semióticos, ou seja, como as imagens, os sentimentos e as concepções presentes a sua volta são representados nesta língua viso-espacial; traçando assim o percurso que vai desde a percepção do objeto semiótico até a construção do significado. Entendendo como tradução a transmutação do pensamento em linguagem, as relações que os sinais estabelecem com o meio e a presença de outras linguagens dentro da própria língua de sinais, seja em nível de tradução intersemiótica (LIBRAS e Língua Portuguesa) ou de tradução intralingual (o uso da LIBRAS dentro da própria língua de sinais na produção de novos significados).

Tabela 1: Aspectos Linguísticos e Semióticos para análise do sinal ABACATE.

<b>Sinal ABACATE</b>	
	<p><b>Configuração de Mão</b></p> 
<b>Aspectos Linguísticos</b>	
<b>Fonológicos: Os Parâmetros</b>	<b>Morfológicos</b>
1- Configuração de Mãos: figura ilustrada ao lado.	1- Classe Gramatical: substantivo
2- Movimento: contorno semicircular; interação de aproximação; contato de deslizamento; maneira refreada e frequência simples.	2- Composição: simples
3- Locação/Ponto de Articulação: espaço neutro (em frente ao corpo)	3- Derivação: não
4- Orientação/Direcionalidade: unidirecional para esquerda	4- Incorporação: não



5- Expressão Facial e/ou Corporal: sem expressão.		5- Soletração Manual: não
<b>Aspectos Semióticos: Categorias Fenomenológicas (As tricotomias)</b>		
Ícone: sim	Índice: não	Símbolo: sim

Na realização do sinal ABACATE, constatamos a presença de um único signo, configurando assim a ausência de justaposição em sua composição, bem como a inexistência de derivação ou qualquer tipo de incorporação. Sua configuração de mão é apresentada de forma angular, com movimento de contorno semicircular, contato de deslizamento e interação de aproximação de maneira refreada e unidirecional para esquerda; seu ponto de articulação nos dá a ideia de um objeto fora do corpo, algo que cabe em uma mão<sup>3</sup>.

Os parâmetros CM, M e PA nos remetem à imagem de um objeto de forma ovalar sendo tocado por outro objeto de forma arredondada; elementos que podem fazer referência a uma colher extraído a polpa de um abacate, se há estes traços de mediação, esta semelhança, por meio da ação realizada na interação do indivíduo com seu objeto, o sinal ABACATE adquire um valor icônico. Como signo icônico sua representação é vaga, é simplesmente uma possibilidade, ou seja, ocorre em nível de primeiridade, de sugestão. Assim este objeto de forma arredondada poderia ser um melão, um mamão ou outra fruta com forma semelhante, poderia não ser uma fruta, mas uma tigela ou outro utensílio, ao invés de uma colher poderia representar uma concha, etc.

São variadas as possibilidades de interpretantes imediatos deste sinal se considerarmos a troca de intérpretes, porém apesar dos vários interpretantes imediatos possíveis de serem gerados o uso do elemento icônico em sua constituição torna o sinal mais facilmente compreensível.

Tabela 2: Aspectos Linguísticos e Semióticos para análise do sinal BOI.

<b>Sinal BOI</b>	
	<b>Configuração de Mão</b> 
<b>Aspectos Linguísticos</b>	
<b>Fonológicos: Os Parâmetros</b>	<b>Morfológicos</b>
1- Configuração de Mãos: figura ilustrada ao lado	1- Classe Gramatical: substantivo
2- Movimento: contorno retilíneo; sem interação e contato; torcedura do pulso para cima; sem movimento interno das mãos; de maneira refreado e frequência simples.	2- Composição: simples.
3- Locação/Ponto de Articulação: no corpo (cabeça)	3- Derivação: não

<sup>3</sup> A descrição do movimento faz uso da tabela desenvolvida por Ferreira-Brito apresentada na obra de Quadros & Karnopp (2004, p. 56)



4- Orientação/Direcionalidade: unidirecional para cima.	4- Incorporação: não
5- Expressão Facial e/ou Corporal: sem expressão.	5- Soletração Manual: não
<b>Aspectos Semióticos: Categorias Fenomenológicas (As tricotomias)</b>	
Ícone: sim (CM e PA).	Índice: não.
	Símbolo: sim.



Este substantivo de composição simples tem seu valor icônico representado através de sua configuração de mão e ponto de articulação. O sinal BOI é realizado com mão única, portanto ausente de interação e contato, de contorno retilíneo com torcedura do pulso para cima realizada no lado superior da cabeça. Os parâmetros CM e PA juntos sugerem a imagem de um chifre, logo podendo ser associado a algum animal, mais especialmente a um boi dado a forma apresentada pela CM.

Se este sinal BOI apresenta aspectos de semelhança com o objeto boi, podemos afirmar trata-se de um signo icônico. Porém a ideia do chifre poderia ser associada a outro animal, a uma vaca, por exemplo, um touro, ou mesmo um búfalo, animais que possuem de forma semelhante os aspectos escolhidos como marca de iconicidade deste sinal, porém não podendo ser atribuídos a um unicórnio, alce ou carneiro já que estes animais possuem chifres com contornos distintos e alguns exigiriam pontos de articulação diferentes. O aspecto icônico permite possibilidades de interpretação (interpretantes imediatos), porém delimitados pelos traços de semelhança entre o signo e seu objeto.

Os sinais BOI e ABACATE representam incontestavelmente os objetos boi e abacate porque estão alicerçada sobre os pilares da convencionalidade, a determinação de lei (Terceiridade), seja por via institucional ou por hábito coletivo. Somente os aspectos icônicos não caracterizam a representação do objeto, pois desta forma estaríamos falando de mímica e não língua, cada objeto possui inúmeros atributos físicos que poderiam ser usados na elaboração de um sinal, sua representação icônica ocorre a partir da escolha de um destes atributos, o que permite a variação e sugestibilidade.

Desta forma podemos afirmar que tanto o signo ABACATE quanto o signo BOI são sinais com características icônicas, mas que representam efetivamente seus objetos de forma simbólica, uma vez que possuem valores representativos compartilhados por toda uma comunidade linguística. É, portanto a característica icônica um atributo que facilita a compreensão e associação do signo ao objeto, um recurso que maximiza seu poder comunicativo.

Tabela 3: Aspectos Linguísticos e Semióticos para análise do sinal DOR.

<b>Sinal DOR</b>	
	<b>Configuração de Mão</b>  
<b>Aspectos Linguísticos</b>	
<b>Fonológicos:</b> Os Parâmetros	<b>Morfológicos</b>
1- Configuração de Mãos: figura ilustrada ao lado.	1- Classe Gramatical: substantivo

2- Movimento: contorno retilíneo; sem interação; sem contato; maneira contínua e frequência repetida.	2- Composição: simples
3- Locação/Ponto de Articulação: espaço neutro (em frente ao corpo)	3- Derivação: não
4- Orientação/Direcionalidade: bidirecional para baixo e para cima.	4- Incorporação: não
5- Expressão Facial e/ou Corporal: com expressão.	5- Soletração Manual: não
<b>Aspectos Semióticos: Categorias Fenomenológicas (As tricotomias)</b>	
Ícone: não	Índice: sim (EF)
	Símbolo: sim

O sinal DOR possui em sua constituição, através do parâmetro movimento, apenas marca de intensidade, modo como o signo é realizado. Sua configuração de mão não oferece qualquer semelhança e associação com seu objeto, seja em nível de forma ou ação, uma vez que como sentimento não há imagem que possa fazer referência icônica entre o signo e seu objeto; sua expressão facial atribui valor indicial dado à relação concreta que estabelece com seu objeto. A expressão facial deste sinal remete a seu objeto, uma referência existente não por semelhança, mas, pela relação de causa e efeito entre o signo e seu objeto. Ao sentirmos uma dor (causa) tendermos a expressá-la através de gestos, expressões e gemidos, reações naturais a este sentimento. Esta resposta ao sentimento de dor manifestada fisicamente através de uma expressão facial/corporal é usada na LIBRAS como valor representativo, uma ferramenta de auxílio na construção do sinal.

O caráter indicial é o aspecto utilizado para a elaboração deste sinal, mas também afirma-se previamente como sinal devido seu valor simbólico, de fato, é a convencionalidade que torna este sinal aceito e compreensível para toda uma comunidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise realizada podemos verificar que há forte presente, de modo geral, do caráter icônico na composição dos sinais da LIBRAS, principalmente no que se refere às categorias Frutas e Animais. Este fato deve à própria natureza do objeto, uma vez que os sentimentos são fenômenos abstratos, enquanto frutas e animais, fenômenos físicos, são passíveis de atribuições e valores icônicos. A representação na LIBRAS, por meio da iconicidade (semelhança), ocorre tanto por intermédio da forma de seu objeto quanto pela ação que este desempenha na relação do homem com seu meio.

Como a LIBRAS é uma língua de modalidade viso-espacial, a iconicidade é uma ferramenta amplamente utilizada devido sua capacidade em estabelecer relações e traduzir significados, além de figura-se como elemento significativo na constituição dos sinais, pois adiciona-lhes valor representativo, contribuindo para assimilação e associação entre signo e objeto semiótico.

Com referência ao aspecto indicial este ocorre na LIBRAS com menor frequência, sendo observado nesta pesquisa apenas através dos parâmetros Expressão Facial/Corporal e Configuração de Mãos, esta última representada por meio de CMs que correspondem, na LIBRAS, as letras do alfabeto, configurando-se assim como tradução intralingual; já na Expressão Facial/Corporal o caráter indicial se estabelece na LIBRAS por meio da relação causa e efeito. Assim como a iconicidade, o valor indicial atua como fator adicional e agente ativo no processo de representação dos sinais da LIBRAS, porém necessita da força da lei (simbolismo) para, de fato, representar na língua. Como nos fala Santaella (2005, p. 197), “[...] a função característica do índice é a de chamar a atenção do intérprete para o objeto, exercendo sobre o receptor uma influência compulsiva”. Dessa forma, o caráter indicial de alguns signos chama a atenção desse intérprete para algo que está ausente e com o qual o signo tem uma relação concreta.

O aspecto simbólico, por sua vez, está presente em todos os sinais da LIBRAS, visto que esta língua se constitui como um sistema que é produto das relações entre surdos e surdos, e surdos e ouvintes. O caráter simbólico é fundamental e indispensável para representação efetiva de um signo, seu valor convencional possibilita a aceitação e uso coletivo para uma determinada comunidade linguística, porém esta “preponderância” do caráter simbólico não expressa inutilidade dos demais aspectos no processo de tradução, pois a presente pesquisa mostra que, quanto mais atributos presentes na composição de um sinal maior será seu poder representativo.

A LIBRAS se constitui em uma tradução intersemiótica mediante a representação do mundo (frutas, animais, sentimentos, cores, etc.) e de suas diversas formas de linguagens (gestos, mímicas, Língua Portuguesa) para uma língua de sinais. É uma língua de modalidade viso-espacial que faz uso da iconicidade (a semelhança na forma e utilização dos objetos presentes no sinal), da indicialidade (a referencialidade através de resíduos e marcas presente na Expressão Facial/Corporal) e do simbolismo (a força da lei que estabelece sinais convencionados para cada comunidade surda), elementos responsáveis pela representação dos objetos semióticos em signos (sinais).

## **REFERÊNCIAS**

ARROJO, R. (Org.) **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2003, p. 35-39.

\_\_\_\_\_. **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2003, p. 67-70.

BÁRTOLO, B. **Corpo e Sentido: estudos intersemióticos**. 1ª ed. Covilhã: Livros Laboom, 2007.

FELIPE, T. A. **Libras em contexto**. 8ª ed. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.

GESSER, A. **Libras?: que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editora, 2009.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2ª Ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

JAKOBSON, R. **Aspectos linguísticos da tradução**. In: \_\_\_\_\_. *Linguística e comunicação*. Trad. I. Blikstein e J. P. Paes. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 63-72.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Trad. J.T. Coelho Neto. 3ªEd. São Paulo: Perspectiva S.A., 2003.

PEREIRA, M. C. da Cunha. (Org.) **Libras: Conhecimento Além dos Sinais**. 1ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PLAZA, J. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REIS, Patrícia Dias. **Ideias sobre tradução**. In. Revista UNORP, Dezembro de 2002, p. 41-49.

RIBEIRO, E. S. **A relação cinema-literatura na construção da simbologia do anel na obra O Senhor dos Anéis: Uma Análise intersemiótica**. 09/08/2007. 151fls. Dissertação – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza/CE, 2007.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. 27<sup>a</sup> reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2008.

\_\_\_\_\_. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SAUSURRE, F. **Curso de linguística geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, L. S. de. **Introdução às teorias semióticas**. Petrópolis, RJ; Salvador, BA: Editora Vozes, 2006.